

# Um estranho e belo rapaz – mal-estar e narcisismo<sup>1</sup>

Fábia Badotti Garcia Herrera<sup>2</sup>, Curitiba

RESUMO: Neste trabalho clínico-teórico, a autora discorre sobre a experiência de análise durante um período de sete anos, com um paciente em extremo sofrimento mental, sentimentos de solidão e desamparo. Para salvaguardar sua sobrevivência psíquica, Daniel precisou se utilizar de recursos como a cisão, expressa através de um duplo de si mesmo, refugiando-se no narcisismo ameaçado pelas angústias de castração. As dificuldades em se relacionar com os demais se devia ao fenômeno da sexualidade ser vivida como concorrente do narcisismo, pois o investimento no objeto poderia empobrecer a libido narcisista. Os relacionamentos nasciam sem possibilidades de sobreviver, fadados ao desinvestimento, de Dois fazer Zero, do desejo de não ter desejo, da extinção de qualquer excitação, elementos próprios do narcisismo de morte, da função desobjetalizante. A autora apresenta como o cenário desértico, captado pela *reverie*, estava relacionado a fixação nas angústias de castração, e a pregnância da identificação fálica reduzida ao Um, impedindo a conceptualização da diferença de sexo e as simbolizações relacionadas às fantasias originárias. O acolhimento à bissexualidade psíquica possibilitou o estabelecimento das funções de continente-contido.

PALAVRAS-CHAVE: duplo, narcisismo de morte, função desobjetalizante, angústias de castração, bissexualidade.

*“Quando Narciso morreu, vieram as Oréiades – deusas do bosque – e viram o lago transformado, de um lago de água doce, num cântaro de lágrimas salgadas.*

*- Por que você chora? – perguntaram as Oréiades.*

---

1. Trabalho apresentado no 27º Congresso de Psicanálise da FEBRAPS em Belo Horizonte, 2019.

2. Membro associado da SBPSP e Membro Efetivo e Fundador da SPC.

- *Choro por Narciso – disse o lago.*  
- *Ah, não nos espanta que você chore por Narciso –  
continuaram elas.*  
- *Afinal de contas, apesar de todas nós sempre correremos atrás  
dele pelo bosque, você era o único que tinha a oportunidade de  
contemplar de perto sua beleza.*  
- *Mas Narciso era belo? – perguntou o lago.*  
- *Quem mais do que você poderia saber disso? – responderam  
surpresas, as Oréiades.*  
- *Afinal de contas, era em suas margens que ele se debruçava  
todos os dias.*  
*O lago ficou algum tempo quieto. Por fim, disse:*  
- *Eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que  
Narciso era belo. Choro por Narciso porque, todas as vezes que  
ele se deitava sobre minhas margens eu podia ver, no fundo dos  
seus olhos, minha própria beleza refletida.”*  
*Narciso (Oscar Wilde)*

## **Introdução**

Este texto é o fruto das reflexões sobre a análise de Daniel. Nele apresento correlações teóricas a partir da clínica e das experiências emocionais que nós dois vivemos num período de sete anos. Pesquisa sobre os estragos em sua autoestima, o que o levou a dar voltas em torno das dificuldades de amar, trabalhar e viver a vida com fruição. Ele chegou ao meu consultório encaminhado pelo psiquiatra. Na primeira entrevista, disse que a vida era insuportável. Não sentia prazer com nada, nem mesmo com a casa nova que tinha adquirido e nela não podia habitar por medo da solidão. Voltou então a morar na casa materna. Há muitos anos tudo e todos tinham se transformado em uma imensa carga a ser suportada. Ele chorava e seus belos olhos pareciam conter um mar de tristeza. Eu me sentia comovida

junto com ele, e ao mesmo tempo impotente, tinha a impressão de que nada que dissesse a ele fertilizava, ia tudo pelo ralo.

Desde as primeiras sessões e durante muitas sessões subsequentes, um pensamento se repetia sempre que eu ia chamá-lo para entrar no consultório: eu me ouvia pensando em outro nome que não o dele, era um nome com a mesma origem latina. Guardei para mim a intenção, ciente de que eram elementos transferenciais e contratransferenciais em jogo.

Passado algum tempo, ao ler um texto de Jacques André, no qual afirmava que “... elementos narcísicos em alguns homossexuais podem estar em primeiro plano, como se estivessem com um duplo” (2018, p.635), referindo-se aos casais homossexuais que são surpreendentemente parecidos fisicamente com seus companheiros, eu me lembrei de Daniel. Perguntei-me quem seria o outro a quem eu chamava em pensamento? Um duplo, dividindo e intercambiando o eu? Um fenômeno, como sugere Freud em seu texto *O estranho*, “... que um possui conhecimentos, sentimentos e experiências em comum com o outro?” ou ainda, “... que é marcado pelo fato de que o sujeito se identifica com a outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre que é o seu eu (*self*), ou substitui o seu eu (*self*) por um estranho” (1919, p.252).

Freud também aponta para o aspecto do “duplo” ser uma segurança contra a destruição do ego, devido aos poderosos impulsos instintuais e a insuficiência dele, por isso se divide. Cita também que “essa invenção do duplicar como defesa contra a extinção, tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital”. Voltarei a este ponto mais adiante.

Com o tempo fui percebendo que havia um outro dentro de Daniel que era idealizado, e, portanto, ao mesmo tempo odiado. Havia também um outro que era buscado como parceiro de vida, que o decepcionava por não ser encontrado. O que aparecia era uma tremenda solidão, numa repetição constante. Seria esse outro o representante do Ideal do ego, herdeiro do narcisismo primário, que produzia o afastamento do contato? Levantei a hipótese de haver algum fenômeno obstaculizador que o impedia de

resolver a conflitiva edípica.

Sobre o tema do duplo, do homem e seu retrato, sobre a personalidade que ela enverga, do eu, do outro e da homossexualidade, encontrei na leitura de Oscar Wilde, escritor inglês dos anos 1890, personagens ricamente descritos em detalhes e foi, justamente, por tanto esmero que acabou delatando sua inclinação sexual, quando havia à época preconceito, marginalização e crime em relação a homossexualidade. Oscar Wilde foi preso e condenado por ser homossexual. Era o estranho que incomodava a sociedade de então. Talvez o que tenha motivado Wilde a escrever *O retrato de Dorian Gray*, tenha sido justamente o paradoxo entre a sua própria homossexualidade reprimida e o narcisismo. Ele relata a história de um homem jovem, estranhamente belo e destrutivo, que via em seu retrato pintado um simulacro de si mesmo. Wilde, magistralmente, descreveu um narcisismo impregnado de destrutividade, como diria A. Green (1988): “Na destrutividade o que é atacado é o ego e também o investimento no objeto” (1988).

Pelo que consta, Ovídio foi o primeiro a relatar a lenda de Narciso em seu livro *Metamorfoses*. Conta que Narciso é filho de um rio, Césifo, e de uma ninfa, Liríope e por ser filho de rio e de ninfa, o destino de Narciso estava traçado. Cita que Narciso disse à Eco, quando ela tentava abraçá-lo: “Tire suas mãos que me abraçam. Morrerei antes de lhe dar poder sobre mim”.

Ovídio se ateu a dois aspectos do mito que me pareceram importantes em relação com a teoria do narcisismo: o desprezo e terror de ser possuído pelos outros, e ao destino trágico de que viveria enquanto não conhecesse sua imagem, como fora previsto por Tirésias. Chama a atenção no mito de Narciso, o terror ao desejo pelo outro, ausência de conexão consigo mesmo e a solidão em que vivia.

Era assim mesmo que eu vivia as emoções com Daniel, ele parecia querer o contato comigo, mas, pelo terror à intimidade, ele se afastava de mim, idealizando-me. Dizia não entender eu estar trabalhando até o final da tarde, já que ele achava que eu não precisava de dinheiro. Seus pensamentos faziam com que mantivesse uma distância em que ele sempre

estava em desvantagem, diminuído em relação a mim, e por consequência, sentia ódio também.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996), Freud escreveu que o narcisismo é um fenômeno regular da vida psíquica, sendo um investimento libidinal no ego, pois o narcisismo não é uma fase a ser superada. Ele é um companheiro para a vida toda. Para Freud o egoísmo preserva de adoecer, mas o sujeito precisa amar para não ficar doente, ele diz: “...num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar” (1914/1996, p. 92). Mais adiante no texto, deparamos com o conceito de ego ideal, substituto do narcisismo perdido, que o homem projeta diante de si como seu ideal. A idealização se dá em relação ao objeto, aparecendo em forma de glorificação e consagração dele. A idealização pode ser tanto quanto expressão da libido do ego quanto da libido objetual. No entanto, o desenvolvimento da libido pode sofrer perturbações em algumas pessoas, o objeto incontrolável pode gerar conflitos derivados do desejo, e pelo investimento libidinal no próprio ego cria a ilusão de uma unidade a qual A. Green (1988) chama de organização narcisista.

A conexão teórica entre o narcisismo e o mito é interessante quando articulamos o terror de Narciso de se aproximar do objeto incontrolável, por sentir que vai possuí-lo ou apoderar-se dele. Já sabemos que a escolha objetual é igual à do eu do sujeito, mas também podemos observar que há presença de angústias que não permitem o encontro com o outro, por ser demasiadamente ameaçadoras ao ego.

### **Articulações sobre o Complexo de castração**

Quando Freud produziu o texto *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (1910/1996), descreveu a psicogênese da homossexualidade como identificação com a mãe, e portanto, desejo de estar no lugar dela na relação com um homem - amar e ser amado por ele. Aquele foi

seu primeiro estudo sobre a gênese de um tipo de homossexualidade, e o início de sua teoria falocêntrica. No texto, Freud descreveu o complexo de castração, e quando a curiosidade do menino se volta para o enigma da vida sexual, ele passa a ter interesse pelo seu próprio órgão genital, valorizando-o extremamente. Custa-lhe crer que o pênis falte nas meninas, crê que irá crescer algum dia. Com a evidência do contrário, ele passa a criar a ideia de que o pênis lhe foi cortado e de que em seu lugar ficou uma ferida. Surgem, então, as angústias provenientes do complexo de castração, supondo que tudo que lhe é precioso lhe seria tirado. O menino pensa que a castração foi executada por punição. Em seguida, surge um novo movimento pulsional erótico e prazeroso de olhar os órgãos genitais alheios e compará-los ao seu. Concomitantemente a isso, a descoberta que a mãe não tem pênis, faz com que o desejo pelas mulheres se transforme no seu oposto, dando origem ao sentimento de repulsa, e “na época da puberdade, poderá ser a causa da impotência psíquica, misogenia e permanente homossexualidade” (1910/1996, p.103).

A crença que a mãe possui um pênis deixa traços marcantes na vida mental da criança, podendo levar ao fetichismo, como substituição do pênis, por exemplo. A recusa a tomar conhecimento que a mulher não tem pênis, deve-se ao medo de ser castrado. Como lembra Freud, o culto à sexualidade na história passou por vários períodos, inclusive o ciclo de culto aos órgãos sexuais, que eram adorados como deuses.

A percepção das diferenças anatômicas dos sexos provoca grande impacto no ser humano, gerando angústias que podem se irradiar para medos de invasão e danos ao corpo. Diz Green (1981/1988), “a castração é sempre evocada no contexto de uma ferida corporal associada a um ato sangrento”. Também pode ocorrer que o menino sinta que seu pênis não tem valor, aumentando ainda mais as dificuldades na elaboração da ansiedade de castração, a qual não se reduz a uma etapa na evolução da sexualidade infantil, nem a um momento cronológico, mas a experiência se vê constantemente renovada ao longo da existência, mantendo uma atualização do passado.

Em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915/1996), Freud volta a mencionar que o narcisismo é uma “fase inicial do desenvolvimento do ego, durante a qual seus instintos sexuais encontram satisfação autoerótica” (1915/1996, p.137a). Na sequência traça uma relação entre o autoerotismo e o narcisismo e a pulsão de olhar o corpo próprio, que é o objeto de prazer. A seguir, diz que ao surgir a pulsão de olhar ativa, acontece o abandono da etapa narcísica e se ocorrer a pulsão de olhar passiva, “manterá o objeto narcísico aprisionado” do mesmo modo que a transformação do sadismo em masoquismo significa um retorno ao objeto narcísico. Diz: “Em ambos esses casos, (isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo), o sujeito narcisista, é através da identificação, substituído por outro ego, estranho” (1915/1996 p.137b). Podemos compreender o valor que Freud deu a escopofilia, como facilitador da apropriação do corpo, de um “Eu corporal” para um “Eu psíquico”, quando diz que o corpo não é a penas uma superfície, mas também a projeção de uma superfície. Antes do recalçamento, a identificação é definida por dois destinos pulsionais: o retorno sobre a própria pessoa e a transformação no contrário. A combinação dos dois destinos vai levar a uma dupla transformação, de libido objetal em libido narcisista “para salvar a integridade narcisista ameaçada pela angústia de castração” (Green, 1976/1988).

### **Reflexões acerca do uso de aplicativos de relacionamento**

Abaixo, uma vinheta que pode ilustrar a dificuldade de Daniel nas sofridas e dolorosas tentativas de encontro de si mesmo buscando um parceiro:

D – Nesse mundo *gay* que eu vivo, tudo é o tamanho do pênis. *Gay* é assim: quer pau grande! Querem fotos de bunda, de pinto, de tríceps, bíceps... Eu não consigo lidar com isso... Ficar mandando fotos e se gostar, convida pra se encontrar, vai lá e transa e acaba...Cada um para seu lado. Prefiro ficar sozinho, para não me decepcionar.

Eu lhe disse:

F – Isso que você está dizendo me dá a impressão de que você está falando de pedaços de pessoas, não parecem pessoas inteiras. Tudo tem de ser medido e comparado para ver quem se sai melhor. Fica apreensivo de se decepcionar conosco também?

Eu pretendia começar a aproximar a ideia de uma dupla trabalhando, o que me parecia que, para ele, estava muito distante.

Daniel fazia uso de aplicativos de redes sociais, em que os interessados marcam encontros se derem/receberem um “like”. Nesses aplicativos pode-se espiar o interessado desnudo. A escopofilia é o prazer de olhar. O espiar é feito de ambos os lados e o aplicativo comanda a recusa ou aceitação do parceiro em questão, sendo a avaliação feita pelas imagens de partes do corpo, como os olhos, pênis e glúteos. Não há cordialidade. São registros de objetos parciais, altamente valorizados, que seduzem e ao mesmo tempo atacam angústias relativas ao narcisismo próprio e à imagem de si. Sendo pulsão ativa, sua satisfação está no olhar, um olhar infantil, ávido por conhecer, consequentemente localiza a diferença entre os corpos, agora sexuados. A diferença é revelada.

Pela dor que Daniel expressava, constatei que poderia ser uma ferida narcísica aberta e sem cicatrização. Como já citado, no narcisismo, o ego é tomado como objeto de amor, pois em sua fragilidade não pode reconhecer e amar o outro. Com os homens de sua idade, Daniel não sustentava um relacionamento porque sentia-se intimidado, amaldiçoado e castigado a nunca dar certo. Isso me lembrou o mito de Narciso, inserido na epígrafe.

Parecia-me que o tamanho do desamparo de Daniel era tão grande que ele se sentia assim: um pênis/bebê pequeno e sem valor, mas parecendo se tratar de um pênis concreto, desvalorizado, impedido de alcançar a unificação das pulsões parciais que culminam na fase fálica. Com isso, parecia-me que Daniel comunicava a ausência de um casal interno.

Ao voltar de uma viagem, Daniel disse que não viu nada de interessante. Para ele, estar consigo era um lugar torturante, sentia-se esvaziado:

D –*Eu fico com o nada. Queria ficar com a emoção... fico com o que não deu certo. Se começo a pensar e me lembrar das coisas, só me lembro das ruínas.*

Nas tantas situações vividas no espaço da análise, asserções em busca de respostas e de conhecimento de si, percebi Daniel oscilando entre a busca de conhecer-se e a impossibilidade de isso acontecer. Quando se referia que nada mudava, que tudo continua igual, penso ser o jeito que ele encontrava de atacar/desobjetalizar o vínculo entre nós.

Mantive a atenção voltada às impressões provocadas em mim, durante a sessão. A imagem que me veio era a de um cenário morto, de uma civilização esquecida e abandonada pelo passar do tempo. Era a lembrança de uma visita ao sítio arqueológico de Volubilis, no Marrocos, onde os mosaicos das casas trazem imagens de órgãos genitais e pessoas em relações sexuais. Também havia uma escultura de um grande pênis, referência à Príapo, deus da fertilidade, filho de Dionísio e Afrodite.

Acredito que a imagem resgatada pela *rêverie*, poderia ser uma alusão às fantasias de Daniel de ser obrigado a mostrar uma ereção permanente e constante e, dependendo da intensidade da fantasia, se a virilidade estivesse frágil, o temor era da penetração e da passivação. Na homossexualidade, a atitude sexual passiva pode ser desejada e desfrutada em concordância do parceiro. Porém, o que Daniel temia era se decepcionar com o encontro, o que provocava uma paralisia em sua vida amorosa. Identificando-se com a passividade, ao contrário de Príapo, ele se sentia impotente, e eu também. Era a imagem de um casal abandonado, estático na função de dupla analítica, gerando uma permanente infertilidade.

Fiquei sabendo em minhas pesquisas que o nome *Volubilis* tem duas origens: uma do latim, “que tem um movimento giratório em torno de si” e a outra, do termo *berbere* “*walili* ou *walila*”, para uma flor lilás que predomina no local, da família das campainhas ou convolvuláceas. Girar em torno de si, era o que eu percebia na análise com Daniel. Porém, pensando no prazer em olhar, a escopofilia poderia ter outro lado, ligado a

curiosidade, que é um dos elementos da pulsão epistemofílica - olhar faz parte dos órgãos dos sentidos usados para a apreensão do mundo. A curiosidade pode ser a forma sublimada da escopofilia, podendo servir como um importante elemento no processo analítico. Apostando na ideia da sublimação, eu convidei Daniel a “olhar” com atenção para dentro de si, e o que encontrasse no caminho poderia comunicar para nós dois. Caminhar ao encontro de si mesmo, de sua verdade psíquica com minha parceria.

### **Uma abordagem sobre a sexualidade como concorrente do narcisismo**

Para Green (1976/1988), o problema da desintração entre o narcisismo e as pulsões objetais evoca a realidade clínica da prática analítica. Ele se refere à necessidade de satisfação da sexualidade nas estruturas narcisistas, porque o problema reside quando *“a sexualidade é vivida como concorrente do narcisismo, como se a libido narcisista corresse o risco de se empobrecer pela fuga dos investimentos objetais”* (1976/1988, p.45). Mais adiante, diz que o fracasso sexual faz:

“... correr o risco de abandono ou de rejeição pelo objeto. Isto marca menos a perda de amor do que a perda de valor e a falência da necessidade de reconhecimento pelo outro. Pior ainda, os sofrimentos narcisistas aumentam para além do fracasso pela insatisfação do desejo, à medida que esta marca a dependência do sujeito ao objeto para satisfazer as pulsões - mais precisamente, para obter o silêncio dos desejos que somente o objeto pode satisfazer. A inveja do objeto alcança seu ápice quando se supõe que este goza sem conflito. O pênis narcisista projetado (não importa de qual sexo) é a aquele que pode gozar sem inibição, sem culpa e sem vergonha. Seu valor não se deve à sua capacidade de gozo, mas à sua aptidão para anular suas tensões satisfazendo suas pulsões, todo prazer convertendo-se em investimento narcisista do Eu.” Eis a retração narcisista “como resposta a um sofrimento e um mal-estar” (Green, 1976/1988, p.45).

Certa vez, Daniel me trouxe de presente uma caixa preta com corações dourados contendo bolachas importadas.

*D- Eu trouxe estas bolachas porque acho que você só come coisas importadas, você é chique.*

Eu disse a ele, baseada no devaneio que me ocorreu, na tentativa de desfazer a idealização persecutória e o desnivelamento da relação:

*F- Você me lembrou da história do imperador Dom Pedro II em visita ao Rio Grande do Sul. Seus anfitriões lhe ofereciam somente doces e marmeladas, pensando que rei, de tão nobre que era, só comia coisas doces. E o imperador, morto de vontade de comer um prato de feijão com arroz, implorou por ele. Se você me coloca no pedestal, você vira súdito e eu a rainha. Não vou aceitar isso. O que acha de comermos feijão e arroz juntos?*

Ele riu. Nos aproximamos um pouquinho, pois quanto a esses elementos, Daniel se tornava imperador que se aborrecia comendo doces sozinho. Mencionou certa vez que não estava disposto a sustentar ninguém nem pagar viagens, saídas, jantares etc. Ele queria alguém que tivesse independência econômica, porém na prática, se relacionava com pessoas que eram sempre muito mais jovens do que ele e em geral estavam começando a vida - os efebos da Antiguidade. Como diz J. André, “objeto eleito sempre conservará algo da criança que o sujeito foi para a menina-dos-olhos... os *ragazzi* de Caravaggio” (André, 2018). Situação complicada para o encontro com outro real.

Ao descrever o narcisismo de morte, Green diz que sua principal característica é a função desobjetalizante, em que tudo é desinvestido, tendendo a uma equação representada como de “Dois fazer Zero”, ou seja, a unidade se origina da eliminação de um dos componentes da relação. É o narcisismo de morte, onde a busca não é pelo objeto, mas pelo desejo de não ter desejo. É a busca do “nível Zero”, da inexistência, da anestesia, o vazio é um aspecto do narcisismo ligado à pulsão de morte. O ataque

primordial não é só contra os objetos, é contra a possibilidade de ligação. É contra a capacidade de investimento significativo. O objetivo é a extinção de qualquer excitação, de qualquer desejo, agradável ou desagradável, “e não ser mais nada é apenas uma forma de abolir a possibilidade de não ser mais, de um dia sentir falta do que quer que seja, fosse apenas um sopro de vida” (1976/1988, p.276).

Em alguns períodos da análise, eu temi que Daniel atentasse contra sua vida. Conversamos sobre isso, quando ele me disse que nunca iria cometer suicídio porque era muito religioso, “suicídio era pecado”.

### **Conclusões**

Em várias ocasiões observei grupos de conversas sobre o estranhamento, ironia e preconceitos sobre a homossexualidade. Volta e meia aparecia a pergunta, referindo a um casal homossexual: - Quem é o ativo e quem é o passivo? Como se esse esclarecimento trouxesse alívio pelo entendimento racional.

A pergunta feita pela curiosidade do ato sexual em si é a curiosidade que remete a cena primária, sempre presente no imaginário humano, jamais elaborada e nasce da bissexualidade psíquica, presente na constituição da sexualidade do ser humano como aquilo que incomoda pelo estranho, o “*unheimlich*”. Tão estranho que é difícil fazer a concatenação de ideias sobre a noção de bissexualidade, por ser de enorme complexidade referencial. É difícil introduzi-la no texto, como se passássemos pelo recalçamento, quando vai perdendo força e sentido. É que a bissexualidade passa pelo biológico, pelo anatômico, e estes aspectos estão sempre circulando e tocando em pontos nevrálgicos jamais totalmente integrados na mente humana.

Freud (1925/1969), que também parecia desacorçoado pelo que se pode constatar nas aporias presentes no seu texto, escreve: “Todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto

femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecendo construções teóricas de conteúdo incerto” (1925/1969, p.320). Em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/1969), queixa-se da obscuridade da teoria da bissexualidade por não ter encontrado uma conexão com a teoria das pulsões. Em *Análise terminável e interminável* (Freud, 1937/1969), Freud assevera que no desenvolvimento da libido as fases não tendem a uma linearidade quanto a precedência ou antecedência, mas a pesquisa mostrou que “a transformação nunca é completa e que resíduos de fixações libidinais anteriores ainda podem ser mantidos na configuração final” (1937/1969, p. 244).

A condição de escuta ao paciente, se levando em conta a nossa própria bissexualidade, pode ir além da teoria do complexo de castração para que não se torne uma “rocha” que impede o avançar de novas descobertas à compreensão da identidade, da escolha do objeto de amor, da psicosexualidade, como também para que não se interrompa o movimento em busca de outras simbolizações relacionadas às fantasias originárias que também estão em busca de “psiquização para uma figuração”, (Levy, 2018) e em seguida, para a simbolização. A ênfase dada somente à teoria falocêntrica pode impedir, por congelamento, o acesso ao reconhecimento da diferença anatômica de sexos e sua conceitualização. Para dar acesso a identificação com os dois sexos, é necessário sair do um, do falo, para ir ao encontro do outro, como diz Levy:

“... o falo congela e obstrui o movimento. Um excesso de metáfora e uma falta de metonímia, de derivação, de deslocamento. A pregnância da identificação fálica para ambos os sexos os reduz ao único, ao Um. O reconhecimento tanto de um sexo quanto do outro não pode se limitar tão somente à descoberta perceptiva da diferença dos sexos. Na verdade, essa diferença precisa ser conceitualizada, sendo inicialmente diferença de sexo, operação que irá encontrar inevitavelmente a relação com as identificações com os dois sexos” (Levy, 2018, pag. 25).

Sabemos que criança precisa do inconsciente da mãe para poder formar o próprio, e juntamente com o “empréstimo” que a mãe lhe faz, também passam os desejos inconscientes dela, inclusive os desejos relacionados ao gênero e às fantasias de ter “um corpo para dois” (J. McDougall, 1996, p.157). Estas estariam relacionadas às dificuldades na identidade de gênero do bebê. Dependendo de como a mãe e o casal deixa entrever sua visão a respeito do reconhecimento dos sexos e da alteridade, através de seu discurso, a criança vai ter maior ou menor dificuldade em elaborar os lutos relativos aos desejos incestuosos e bissexuais dela. Se a mãe tiver o pai em sua mente e coração, reconhecendo uma mulher e um homem que se amam, esta ideia irá passar para o bebê, criando uma condição para que este possa acolher o casal em sua própria mente.

Creio ser a pergunta curiosa acima descrita, que pode nos dar a chave para desvendar o mistério: justamente a imagem do casal soterrado que me referi no início, que Daniel e eu construímos. Sem função de casal o que temos é o lugar do falo, do Um, com ausência das funções de continente-contido, sem possibilidade de acesso à nossa bissexualidade. Enquanto estávamos sob o efeito do recalçamento, falávamos de um vértice engeguecedor da castração como única saída, onde apareciam comparações com outros e autodepreciações no discurso de Daniel.

Penso que o acolhimento à bissexualidade psíquica é que vai possibilitar estabelecer dentro de si as funções de continente-contido sugerida por Bion. A condição de ser ativo e passivo, masculino e feminino, gerando fertilidade, pode ser conquistada a dois no processo de análise, passando pela conceptualização da diferença dos sexos, para depois passar a identificação com os dois sexos. Estando representada a alteridade como a consciência da diferença e não sua negação, é possível conceber um par.

Depois de alguns anos de análise, num outono, Daniel olhou para mim como se fosse a primeira vez, e disse que os óculos que eu usava eram iguais aos de sua mãe, falecida recentemente. Disse que os guardara com muito carinho, junto com outros pertences especiais. Foi também aquela a primeira vez que falava da mãe com saudades e sem rancor. Foi também

naquele outono, em que amarelavam as folhas dos álamos, que Daniel conheceu seu companheiro. Foi quando ele me disse adeus. Eu também guardei as recordações da parceria num lugar especial: o lugar da gratidão a ele por tudo o que aprendemos.

**ABSTRACT:** In this clinical-theoretical work, the author explains an analysis experience over a seven-year period, with a patient in extreme mental suffering and feelings of solitude and helplessness. In order to safeguard his psychological survival, Daniel had to use resources such as psychic splitting creating a double of himself, taking refuge in narcissism threatened by castration anguish. The difficulties in establishing relationships with other people was due to the sexual phenomena experienced worked as a competitor to narcissism, as the investment in the object could impoverish his narcissistic libido. The relationships were born with no possibilities of survival, doomed to disinvestment, of Two making Zero, of the desire to have no desire, of the extinction of any excitement, typical elements of the narcissism of death, of the deobjectalizing function. The author describes how the desertic scenario, captured by the reverie was related to the fixation on castration anguish, the pregnancy of phallic identification reduced to the One, preventing the conceptualization of sexual differentiation the symbolizations related to the original fantasies. Embracing psychic bisexuality enabled the establishment of container-contained functions.

**KEYWORDS:** double, narcissism of death, deobjectalizing function, castration anxiety, bisexuality.

**RESUMEN:** En este Trabajo clínico-teórico, la autora reflexiona a cerca de una experiencia de análisis durante un período de siete años con un paciente que padecía un sufrimiento mental, sentimiento de soledad y desamparo. Para resguardar su supervivencia psíquica, Daniel necesitó valerse de la escisión; expresada a través de la figura del doble de sí mismo, este mecanismo funciona como una manera de refugiarse en un no narcisismo, que se presenta amenazado por la angustia de la castración. Las dificultades en los vínculos con los demás, se deben a fenómenos en donde la sexualidad compite con el narcisismo ya que la catexia podría estar empobreciendo la libido narcisista. La autora presenta un escenario desértico captado por el ensueño en donde se percibe la angustiosa catástrofe de la presencia fálica reducida a un impedimento de la conceptualización que establece las diferencias entre sexos y los símbolos relacionados con fantasías primitivas. El advenimiento de la bisexualidad psíquica que posibilita o establece el paso del continente al contenido.

**PALABRAS CLAVE:** doble, narcisismo de muerte, función desobjetalizadora, ansiedad de castración, bisexualidad.

## REFERÊNCIAS

André, J. (2009). Entrevista com Jacques André - A vida de hoje e a sexualidade de sempre. *Jornal de psicanálise*, vol. 42. dezembro 2009 – número 77. SBPSP. São Paulo.

André, J. (2018). A homossexualidade do psicanalista. *Revista de Psicanálise da SPPA*,

v.25, n. 3, p.635-650.

Bion, W. R. (1962/1980). *Aprendiendo de la experiencia*. Paidós. Buenos Aires.

Freud, S. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915/1969). Os instintos e suas vicissitudes. In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/1996). Sobre o narcisismo: uma introdução In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919/1996). O estranho. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/1996). O mal-estar na civilização. In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago.

Green, A. (1988). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. *A pulsão de morte*. Editora Escuta. São Paulo

Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Editora Escuta. São Paulo.

Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Artmed Editora. Porto Alegre.

Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise/ Laplanche e Pontalis*; 4a edição. São Paulo: Martins Fontes.

Levy, J. M. (2018). *Sombras e luzes da bissexualidade*. Relatório de Psicanálise Francesa.

McDougall, J. (1996). *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. Martins Fontes. São Paulo.

McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Martins Fontes.

Sapienza, A. (2016). *Reflexões teórico-clínicas em Psicanálise*. Blucher. São Paulo.

Wilde, O. (2016). *O retrato de Dorin Gray*. Rocco Jovens Leitores; Editora Azul (1ª edição feita em 1890).

fabiaherrera@hotmail.com